



Em visita à Ucrânia, presidente da França, chanceler da Alemanha e premiê da Itália declaram que são favoráveis à entrada do país ao bloco, tema que deve ser discutido em cúpula na próxima semana. Trio também promete ajudar ucranianos "até a vitória"

# Apoio conjunto de líderes europeus

Líderes das três maiores economias da União Europeia (UE) estiveram, ontem, conjuntamente na Ucrânia, em uma visita considerada uma forte demonstração de apoio ao ingresso do país ao bloco. O presidente da França, Emmanuel Macron, o primeiro-ministro italiano, Mario Draghi, e o chanceler alemão, Olaf Scholz, se encontraram com o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, às vésperas de a UE decidir se o país pode ser oficialmente candidato, tema que deverá fazer parte da pauta de uma cúpula marcada para os próximos dias 23 e 24.

Ao chegar a Kiev, de trem, Macron disse que, com a visita, a primeira dos três líderes desde o início da invasão russa, em 24 de fevereiro, eles desejavam transmitir "uma mensagem sobre a unidade europeia" em "apoio a Kiev". "A Europa está com você e continuará com você até que seja necessário, até a vitória", disse o líder francês ao colega ucraniano. "A mensagem mais importante da nossa visita é que a Itália quer a Ucrânia na UE", enfatizou Draghi.

O chanceler alemão, por sua vez, assegurou que o bloco continuará, "quanto tempo for necessário" ajudando Kiev na guerra contra Moscou e prometeu reforços. "Não só queremos manifestar a nossa solidariedade, mas também garantir a ajuda que organizamos financeiramente, humanitariamente, mas também no que diz respeito ao armamento", disse, em entrevista ao jornal alemão Bild. Scholz também convidou Zelensky para participar da próxima cúpula do G7 na Alemanha, no fim deste mês.

A visita inédita se deu cinco dias depois de a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, ir de surpresa a Kiev para preparar uma "avaliação final" sobre a candidatura à UE. Na ocasião, Von der Leyen destacou que a ex-república soviética registrou "avanços no fortalecimento do Estado de Direito, mas que ainda era necessário implementar reformas para lutar contra a corrupção".



Volodymyr Zelensky (de camiseta) com os convidados: processo para a aprovação da candidatura pode durar anos, segundo especialistas

## "Graves violações" em Mariupol

A alta comissária das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Michelle Bachelet, alertou que a magnitude da destruição de Mariupol, tomada por tropas russas após meses de bombardeio, sugere graves violações ao direito internacional. "Os horrores infligidos à população civil deixarão uma marca indelével, mesmo nas próximas gerações", disse ao Conselho de Direitos Humanos da ONU em Genebra. Durante seu discurso, Bachelet lembrou que foi escrito, na cidade ucraniana, um dos capítulos mais sangrentos da ofensiva russa. Segundo ela, 1.348 civis morreram no cerco da cidade, sendo 70 crianças.

Receber o sinal verde para a candidatura na próxima semana é a etapa inicial da adesão ao bloco, um processo que, segundo especialistas, pode durar anos. O governo da Ucrânia pressiona por um "compromisso jurídico" concreto da UE de examinar a sua candidatura, como forma de reduzir a vulnerabilidade geopolítica do país.

## "Indícios de crime"

Os três líderes europeus, acompanhados pelo presidente romeno, Klaus Iohannis, também visitaram Irpin, nos arredores de

Kiev, devastada durante as primeiras semanas da ofensiva russa. Ao menos 300 corpos foram retirados das ruas da cidade após a saída das tropas. Caminhando em meio a prédios destruídos e carros carbonizados, Macron, Scholz e Draghi concordaram que há "indícios de crimes de guerra". "Vamos reconstruir tudo", prometeu o premiê italiano.

A visita dos líderes europeus ocorre em um momento delicado no plano militar de Zelensky, com as tropas russas apertando o cerco na região de Donbass, a bacia de mineração formada pelas regiões de Lugansk

e Donetsk e, desde 2014, parcialmente controlada por separatistas pró-russos.

Na quarta-feira, os Estados Unidos anunciaram um novo pacote de ajuda militar de US\$ 1 bilhão para Kiev, incluindo artilharia, sistemas de defesa antinavio, munição e sistemas avançados de mísseis. "Sou grato por esse apoio, é especialmente importante para nossa defesa no Donbass", disse Zelensky após uma conversa com o presidente Joe Biden. Ontem, Macron anunciou que vai entregar mais seis obuses autopropeulados para a Ucrânia. Outros 12 sistemas de artilharia

já foram fornecidos pela França.

Os reforços oferecidos pelo Ocidente são, na avaliação da Rússia, inúteis. "Gostariamos que os líderes desses três países (...) não se concentrassem apenas em apoiar a Ucrânia inundando-a com armas. É totalmente fútil e só causará mais danos ao país", disse, ontem, o porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, a repórteres.

## Diálogo com Putin

Um dos poucos líderes ocidentais que conversa regularmente com Vladimir Putin,

## » Espião russo fingia ser brasileiro

Os serviços de inteligência da Holanda (AIVD) informaram que impediram, em abril, um espião russo de acessar o Tribunal Penal Internacional (TPI), com sede em Haia, e investigar supostos crimes de guerra cometidos na Ucrânia. O homem, identificado como Sergei Vladimirovich Cherkasov, 36 anos, usou uma identidade brasileira como disfarce e se apresentou como Viktor Muller Ferreira. Descoberto, ele foi impedido de entrar na Holanda e "expulso no primeiro voo para o Brasil", onde foi preso, segundo nota da AIVD. De acordo com a polícia brasileira, o homem começaria "um período de teste de seis meses" na seção de exames preliminares do tribunal.

Macron afirmou a Zelensky que não descarta voltar a falar com o colega russo caso considere imprescindível. "Em questões de segurança alimentar, também é necessário conversar com a Rússia para tentar obter progressos", ilustrou. "Quando se abre uma janela de oportunidade, é útil pressionar para retomar as negociações", acrescentou.

Para o presidente ucraniano, Putin não tem interesse em um acordo diplomático para o fim da guerra. "Não tenho certeza de que exista a possibilidade de que o presidente da Federação Russa esteja disposto a ouvir", afirmou, em entrevista coletiva com os líderes europeus. "Parece que, atualmente, Putin toma decisões e depois fala com alguém (...) Isso não diz respeito apenas a Emmanuel (Macron). Não tenho certeza de que, atualmente, existam líderes no mundo que possam forçar individualmente a Rússia a parar a guerra", justificou.

## ELEIÇÕES NOS EUA

# Trump sabia que manobra era ilegal

A comissão legislativa que investiga a tomada do Capitólio concentrou-se, na reunião de ontem, em demonstrar a pressão insistente por parte de Donald Trump para que, diante da derrota nas eleições presidenciais de 2020, seu então vice-presidente, Mike Pence, infringisse a lei e impedisse a transferência de poderes. O grupo apresentou um roteiro detalhado dos acontecimentos, com declarações de testemunhas, e concluiu que o republicano sabia que a manobra era "ilegal e inconstitucional". "Nossa democracia chegou perigosamente perto da catástrofe", disse Bennie Thompson,

presidente da comissão.

Pelo Twitter, a vice-presidente do comitê, Liz Cheney, informou que, conforme a "análise de um juiz federal", a estratégia do magnata republicano "provavelmente violou dois estatutos penais federais". "Trump não tinha base factual para o que estava fazendo e foi informado de que era ilegal", escreveu Cheney, antes da reunião. Na avaliação da comissão, a pressão sobre Pence para quebrar o resultado eleitoral contribuiu para o clima de tensão e violência que eclodiu em 6 de janeiro de 2021, quando o centro Legislativo foi tomado.

A multidão ameaçou enforcar

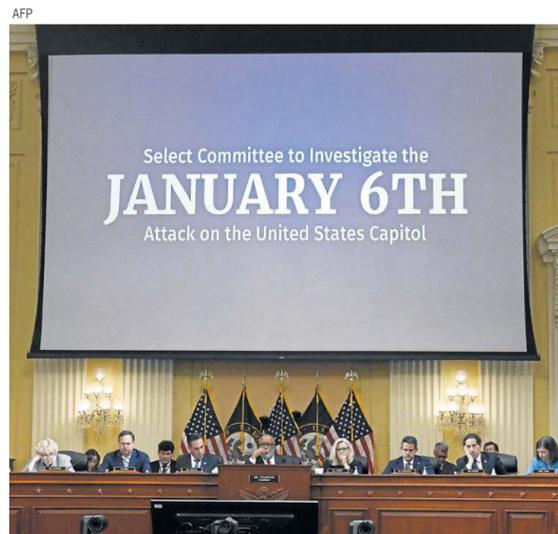
Pence por não cooperar com o governo do qual fazia parte e até ergueu uma força em frente ao Capitólio. O vice-presidente comandava uma sessão no momento da invasão e, junto com membros do Congresso e jornalistas, se retirou às pressas do local.

## Advogado

Assessores de Pence ouvidos pela comissão relataram que John Eastman, um dos advogados de Trump, conspirou com o então presidente para anular o resultado das eleições. Dias após a insurreição, Pence acusou a mídia de uma cobertura

excessiva do ataque, mas, desde então, adotou uma linha mais agressiva em relação a Trump, na tentativa de abrir caminho para a corrida à Casa Branca em 2024.

Há outras três sessões da comissão previstas. No encontro anterior, o grupo mostrou evidências de que Donald Trump foi informado de que o argumento de que a eleição presidencial havia sido roubada não fazia sentido. "O presidente aproveitou uma teoria perigosa e não desistiu porque estava convencido de que isso o manteria no cargo", disse, ontem, Pete Aguilar, deputado democrata da Califórnia.



Comissão analisou a pressão para que Pence não certificasse a derrota